

MENDILOW, Adam Abraham — *O tempo e o romance*. (Trad. de Flávio Wolf. Supervisão, prefácio e nota final de Dionísio de Oliveira Toledo). Porto Alegre, Globo, 1972.

Para Mendilow, o tempo é o tema fundamental do século XX; e o tratamento a ele dado é um dos elementos fundamentais da estrutura de qualquer romance. Enquanto arte, o romance é uma das formas mais adequadas para se expressarem as sensações, angústias e concepções dos homens diante do tempo, já que a forma de seu conteúdo, se assim se pode falar, é sempre a *passagem* dos homens de uma situação para outra.

O livro de Mendilow destina-se a mostrar como o romance pôde ou pode atingir esse *status* em relação ao tempo: o de ser uma das artes que melhor o expressa. O romancista trabalha com um *medium* (a linguagem) discreto e sujeito “aos três grandes princípios do tempo: consecutividade, transitoriedade e irreversibilidade” Assim sendo, como consegue o romancista reproduzir a imensa riqueza temporal da mente e da vida humanas, cheias de recordações, antecipações, idas e vindas fantasiosas ao longo do tempo, enquanto este continua a correr, inexorável, fora do homem, no relógio, no sol, no universo? Mendilow não dá uma resposta unívoca ao problema, mas sugere que, quanto melhor o escritor souber, na prática, responder a esta pergunta, tanto melhor será seu romance.

*O tempo e o romance* divide-se em três partes: “O problema geral”, “A teoria” e “A prática” Na primeira, o autor faz um levantamento da importância do problema *tempo* para os homens contemporâneos. Na segunda, realiza minuciosa análise da complicada trama que relaciona autor, leitor, personagem, texto, linguagem no instante mágico da leitura. Na terceira analisa soluções de ordem prática que romancistas deram para os problemas do relacionamento entre tempo e ficção, em particular as de *Tristram Shandy*, de Sterne, e das obras de Virginia Woolf. O texto dá mostra da excepcional erudição de seu autor, tanto em termos de teoria do romance ou poética, como em romances propriamente ditos.

Na primeira parte de seu livro, Mendilow constata que os homens não vivem mais em um *universo*, mas sim em um *multiverso* conturbado por sucessivas crises de valores, notáveis descobertas científicas, um culto nem sempre justificável da rapidez e da velocidade. Nesta vida, comportam-se todos, diz ele numa imagem muito britânica, como se estivessem prestes a tomar o

último gole da cerveja antes que se feche o bar “para sempre” Constatando, com Henry James, que o romance é “a mais independente, a mais elástica, a mais prodigiosa das formas literárias” (1), Mendilow vê, nele, o principal meio lingüístico de expressão para as angústias, inquietações e conquistas do homem em relação ao tempo.

Em “A teoria”, a preocupação do autor foi a de esgotar o assunto das relações e do papel do tempo na estrutura de um romance. Entram em cena, assim, desde o complexo relacionamento entre tempo e linguagem até o relacionamento — talvez mais prosaico, mas certamente não menos complexo — do escritor com o mercado e com as casas editoras. Um romancista que viva do que escreve, e trabalhe sob contrato, imporá à sua obra um ritmo diferente do que aquele que escreva por “diversão” Ao mesmo tempo, a consciência de que o romance trabalha um *medium* descontínuo para produzir a impressão de continuidade criou problemas técnicos novos para os autores. Partindo das observações de Bergson sobre a duração (*durée*) temporal, Mendilow debate a validade e o alcance da palavra como meio de comunicação, as transformações por que passaram a estrutura e o enredo de um romance na primeira metade do século XX, para concluir que o objetivo romanesco não pode ser o de *reproduzir* a realidade, mas sim o de provocar uma *ilusão* de realidade. Embora nunca o diga explicitamente, Mendilow deixa sugerida, com discrição, sua valorização dos romancistas que conseguem manter, sem qualquer impureza, esta ilusão de realidade, efetivamente arrancando o leitor de seu próprio presente e o mergulhando na riqueza do mundo ficcional.

Em “A prática”, *Tristram Shandy*, de Sterne, surge como o primeiro fruto da “revolta” contra os padrões e conceitos que vêm, na vida e na arte, apenas a rigidez do relógio e da cronologia exterior ao homem. Para Mendilow, Sterne abriu ao romance os inesgotáveis ritmos da interioridade humana. Contra e fora do relógio, ele descobriu o livre devaneio da mente, que é capaz de se mover para frente e para trás, no tempo. Esta conquista de Sterne teria sido retomada por Virginia Woolf e outros romancistas da *corrente de consciência*, ou influenciados por esta técnica, no século atual. Numa análise perspicaz de *Orlando*, Mendilow mostra que a construção deste personagem hermafrodita, que vive entre 1586 e 1928, passando de 16 para os 36 anos de idade, reproduz, a seu modo, o crescimento real de um feto, que em nove meses de vida reproduz milhões de anos de evolução.

No prefácio, Dionísio de Oliveira Toledo situa a obra de Mendilow “no campo da ciência literária” Valendo-se de conceitos da *Teoria da Literatura*, de René Wellek e Austin Warren, classifica *O tempo e o romance* como uma análise *intrínseca* de obras literárias, por oposição à análise *extrínseca*, prati-

---

(1) — Henry James, Prefácio a *The Ambassadors*.

cada por Lukács e outros. Aponta, inclusive, a falta de um estudo *extrínseco* mais aprofundado sobre o problema do tempo no romance. Por outro lado, vê neste livro uma contrapartida, enquanto técnica de pesquisa, a *Conceitos Fundamentais de Poética*, de Emil Staiger, também marcado pela preocupação com o tempo, já que vê, no épico, no lírico e no dramático, “três êxtases do tempo existencial: passado, presente e futuro” (Cf. Emil Staiger, *Conceitos Fundamentais de Poética*, Tempo Brasileiro, 1969) Ao invés do ensaio amplo e abrangente do último, o livro de Mendilow propõe, como técnica, a monografia limitada tematicamente, mas exaustiva.

Dionísio Toledo conclui seu prefácio colocando um problema inquietante. O universo de Mendilow — correspondente à primeira metade do século, já que a obra se publicou na Inglaterra em 1952 — foi o da absorção do espaço pelo tempo. Hoje viveríamos, como o demonstraria o estruturalismo, o movimento oposto: a espacialização do tempo. Paralelamente, os centros mais adiantados da civilização ocidental foram marcados pela “ruptura da escritura burguesa”; ao invés da *literatura*, o *texto* na terminologia de *Tel Quel*. A forma-romance, prossegue Dionísio Toledo, “só tem vez daqui por diante nos países ditos subdesenvolvidos” São questões importantes que, sem dúvida, o tempo se encarregará de responder.

*O tempo e o romance* encerra uma série de publicações da Editora Globo, de Porto Alegre, de obras sobre Teoria Literária, planejada por uma equipe que se organizou em torno da cadeira de Teoria da Literatura da Faculdade de Filosofia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Da série faziam parte, além deste volume, os seguintes: *Princípios de crítica literária*, de I. A. Richards, *O poético*, de M. Dufrenne, *Teoria da Literatura*, coletânea de textos dos formalistas russos, *Aspectos do romance* de E. M. Forster e *Estrutura do romance*, de E. Muir.

Conforme a “Nota Final” de Dionísio Toledo, anexa a *O tempo e o romance*, havia planos para formar uma nova série de traduções, com obras que pudessem complementar mais diretamente o estudo da literatura brasileira. Lamentavelmente, a equipe foi obrigada a interromper seus trabalhos em 1969. O tempo, ou os tempos não lhe foram favoráveis.

*Flávio Wolf de Aguiar*